

# AS VANTAGENS DA ESPECIALIZAÇÃO PROFISSIONAL

**M**ARCELO de Andrade espera o jovem *hippie* Thiago terminar de tomar água. Pede licença e dá uns três goles rápidos no bebedouro da 508 Sul. Entra na galeria Rubem Valentim — aquela que fica bem na entrada do Espaço Cultural. Com um bloquinho na mão, anota informações sobre as 23 telas de um pintor argentino, Pablo de Donato.

Aos 29 anos, Marcelo não é muito ligado em artes plásticas. Só está ali para fazer um trabalho de escola. Ele tenta concluir o 2º grau no Centro de Estudos Supletivos da Asa Sul (Cesas).

Quando terminar os estudos, vai prestar vestibular para Biblioteconomia na Universidade de Brasília (UnB). Quer ser um vencedor. Recuperar o tempo perdido.

Depois que abandonou a casa dos tios em Ubatuba, litoral de São Paulo, Marcelo também largou os estudos. “Sempre me achei inteligente, mas faltava disciplina. Nunca tive muita disposição para estudar”, reconhece.

De Ubatuba, o rapaz resolveu ganhar mundo. Passou por Minas Gerais, Rio Grande de Sul, Mato Grosso e Goiás. Quanto mais andava, mais se afastava dos livros. “Não agüentava trabalhar e estudar. Resolvi correr atrás do dinheiro.” E correu mesmo.

Marcelo já fez todo tipo de biscate. Alistou-se na Aeronáutica, foi auxiliar de pintor, arriscou de servente de pedreiro. Fez mourão de cerca em florestas do Norte, vendeu pipa e salgadinho nas praias de São Paulo. Foi professor de matemática, história e religião, vendeu queijo na rua e produtos naturais. Limpou vidraças de aeroporto, vendeu consórcio e plano de auxílio funerário. Foi bóia-fria em plantações de tomate.

Chegou a Brasília.

Foi na capital do Brasil que Marcelo conheceu o **DESEMPREGO**. “Aqui as pessoas valorizam muito o estudo. Como eu não tinha um bom currículo, a falta de especialização me acertou em cheio”, lembra. Foram dois anos sem trabalho fixo. Dois anos de canja com pão seco na rodoviária do Plano Piloto para enganar a fome.

Marcelo tentou alguns bicos e até conseguiu ser balconista em bares da cidade. Quando a falta de grana apertou mesmo, foi animador de crianças no Pula-pula da Tia Mimi — empresa especializada em festas infantis.

Não traz amarguras do passado, mas cansou daquela vida. “Cheguei à conclusão de que Brasília tem oferta de emprego, sim. O problema é que faço parte de uma enorme massa despreparada”, reconhece.

Um dia, Marcelo tomou coragem e deu o primeiro passo. Voltou aos estudos depois de dez anos longe dos livros. “Agora não vacilo mais. Já deixei de aceitar alguns bons empregos para conseguir terminar meu 2º grau”, orgulha-se.

As aulas no Cesas vão das duas às seis da tarde. De lá, Marcelo segue para o restaurante do Senado, onde trabalha como garçom até duas da madrugada. Vai dormir numa pensão da Asa Sul e acorda cedo, para começar um novo dia.

Na manhã de quinta-feira, Marcelo saiu de casa com a mochila azul nas costas. Antes de ir para o supletivo, pegou um ônibus até a 403 Norte. Deu uma passada rápida na loja de produtos naturais, onde comprou geléia real para revender a colegas de trabalho.

— Oi, Leo. Hoje só quero dois vidrinhos de geléia.

O dono da loja, Leo Cardoso, embrulhou o pedido num saquinho plástico e viu quando Marcelo saiu de lá para ganhar o mundo.

## DESEMPREGO.

Marcelo tem muita garra e pretende engrossar a lista dos 18.628 adultos que concluíram o segundo grau, só ano passado, de acordo com a Secretaria de Educação do Distrito Federal. Ele já sabe que sem qualificação profissional dificilmente terá chances de crescer no mercado de trabalho. Mas nem todos os jovens na situação de Marcelo têm a mesma disposição que ele. Muitos estudantes abandonam os estudos para trabalhar. A necessidade de sobrevivência acaba falando mais alto. E não é fácil, hoje, conseguir um emprego. Para ter mais oportunidades no concorrido mercado de trabalho, 89.044 pessoas estão matriculadas, este ano, nos cursos supletivos do DFE. A última Pesquisa de Emprego e Desemprego da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) estima que existiam, até setembro do ano passado, 163,8 mil desempregados em todo o Distrito Federal. Esse número já foi maior: Em setembro de 1999, também de acordo com a Codeplan, os desempregados somavam 186,9 mil.



SEM CURRÍCULO, MARCELO FICOU FAZENDO BISCATES. “A FALTA DA ESPECIALIZAÇÃO ME ATINGIU EM CHEIO.” AGORA, ELE FAZ SUPLETIVO NO CESAS



DEPOIS DE ALGUMAS FERROADAS, LEO INSTALOU EM ÁGUAS LINDAS UMA FÁBRICA DE 6,8 TONELADAS DE MEL



JAIME ERNEST DIAS COMEÇOU A DAR AULAS DE VIOLÃO NA ESCOLA DE MÚSICA EM 1979. NÃO PAROU MAIS

## O GEÓLOGO QUE ENCANTOU ABELHAS E SE DEU BEM

**L**EO Cardoso aprendeu a colher mel com um mineiro malandro. Nos idos de 1980, o tal do mineirinho convidava garotos de vinte e poucos anos para dar aulas de apicultura na região de Itatiaia, sul do Rio de Janeiro. “Mas essa história de ensinar era só pretexto. O cara queria mesmo era a mão-de-obra gratuita da gente”, recorda, entre risos.

Depois de algumas ferroadas, Leo aprendeu o ofício. Um dia, cansou-se de Itatiaia e resolveu voltar para Brasília, onde havia morado na adolescência. Foi em Águas Lindas, perto da capital federal, que instalou a Mel do Sol, uma fábrica que produz 6,8 toneladas de mel, própolis e geléia real por mês.

Os produtos beneficiados na Mel do Sol são exportados para diversos estados do país e até para o Japão. “Pesquisadores japoneses descobriram que a própolis brasileira contém princípios ativos que previnem doenças como a gripe e o resfriado”, explica. Leo aproveitou a deixa e conquistou o mercado externo. Só no ano passado, faturou R\$ 1,6 milhão em vendas para fora do Distrito Federal.

Duas vezes por semana, o apicultor de 44 anos deixa Brasília e dirige 45 quilômetros até a Mel do Sol. Confere a linha de produção, espia o apiário com mais de um milhão de abelhas, orienta os empregados e volta com a camionete cheia de produtos para vender na lojinha da 403 Norte — aquela onde Marcelo comprou os dois vidrinhos de geléia real.

Antes de encantar abelhas, Leo era geólogo. Antes de ser geólogo, jogava peladas nas quadras da Asa Norte. Nasceu no Rio de Janeiro, mas adotou a amplidão de Brasília como o lugar para chamar de casa. “O que mais me despertou a atenção quando cheguei por aqui foi o espaço. Fiquei impressionado com esse azulão do céu”, recorda. Quando a família de Leo aportou por aqui, sequer havia Conjunto Nacional. O cerrado desmatado para a construção da cidade ressurgia em pequenos brotos.

Além do futebol, Leo gostava de ir para o apartamento da dona Odete, na 311 Sul. Lá, tinha uma turma de batutas que se reunia nas tardes de sábado para tocar chorinho e tomar uma cervejinha gelada até a noite chegar. Tinha também os filhos de Odete, entre eles o violonista Jaime — que está gripado e precisa recorrer a própolis produzida na fábrica de Leo.